



GAIL HONEYMAN

FABRICA231

**ELEANOR
OLIPHANT
ESTÁ MUITO BEM**



GAIL HONEYMAN

TRADUÇÃO DE EDMUNDO BARREIROS

FÁBRICA231

Para minha família

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

BONS TEMPOS

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

DIAS RUINS

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

DIAS MELHORES

Capítulo 41

Agradecimentos

Créditos

A Autora

“Na verdade, como Weiss continua a mostrar, a solidão é marcada por um desejo intenso de livrar a experiência a um fim, algo que não pode ser alcançado por pura força de vontade ou simplesmente saindo mais, mas apenas desenvolvendo ligações íntimas. É muito mais fácil dizer isso do que fazer, especialmente para pessoas cuja solidão surge de um estado de perda ou exílio ou preconceito, que têm motivos para temer ou desconfiar, bem como para a falta da sociedade de outros.

“O que isso significa é que quanto mais solitária uma pessoa fica, menos ela se torna apta a circular por correntes sociais. A solidão cresce à sua volta, como mofo ou pelos, um profilático que inibe o contato, não importa o quanto se deseje o contato. A solidão cresce gradualmente, estendendo-se e perpetuando-se. Depois de implantada, não é nem um pouco fácil desalojá-la.”

Olivia Laing, *A cidade solitária*

**BON'S
TEMPOS**



QUANDO AS PESSOAS ME PERGUNTAM o que eu faço – motoristas de táxi, dentistas –, digo a elas que trabalho em um escritório. Em quase nove anos, ninguém nunca perguntou que tipo de escritório, ou que tipo de trabalho faço lá. Não sei ao certo se isso é porque me encaixo perfeitamente na ideia de como se parece uma funcionária de escritório, ou se as pessoas escutam a frase *trabalho em um escritório* e automaticamente preenchem por conta própria as lacunas – uma mulher tirando xerox, um homem digitando em um teclado. Não estou reclamando. Fico feliz por não precisar entrar nos detalhes fascinantes de contas a pagar. Quando comecei a trabalhar aqui, sempre que alguém perguntava, eu dizia que trabalhava para uma empresa de design gráfico, mas aí eles supunham que eu era do tipo criativa. Ficou um pouco chato ver seus rostos perderem o interesse quando eu explicava que eram coisas administrativas de escritório, que não usava canetas de ponta fina nem programas sofisticados.

Tenho, agora, quase trinta anos, e trabalho aqui desde os 21. Bob, o proprietário, me contratou pouco depois que o escritório abriu. Acho que ele sentiu pena de mim. Eu tinha um diploma em Estudos Clássicos e, vale dizer, nenhuma experiência profissional, e apareci para a entrevista com um olho roxo, alguns dentes faltando e um braço quebrado. Talvez nessa época ele tenha sentido que eu jamais aspiraria a nada mais do que um emprego mal remunerado em um escritório, que ficaria satisfeita por permanecer na empresa e o pouparia do trabalho de um dia ter que recrutar uma substituta. Talvez ele também tenha percebido que eu jamais tiraria dias para sair em lua de mel nem requisitaria licença-maternidade. Não sei.

Há sem dúvida um sistema de dois níveis no escritório; os criativos são os astros do cinema, o resto de nós, apenas artistas coadjuvantes. Só de olhar para nós você já pode dizer em que categoria estamos. Para ser justa, parte disso tem a ver com o salário. A equipe administrativa recebe uma mixaria, e por isso não podemos pagar por coisas como cortes de cabelo elegantes e óculos de nerd. Roupas, músicas, aparelhos – embora os designers fiquem desesperados para ser vistos como críticos com ideias únicas, eles também aderem a um uniforme estrito. Não tenho nenhum interesse em design gráfico. Sou uma funcionária do financeiro. Podia estar emitindo notas de qualquer coisa, na verdade: armamentos, remédios ou cocos.

De segunda a sexta, entro às 8h30. Tiro uma hora de almoço. Costumava trazer meus próprios sanduíches, mas a comida em casa sempre estragava antes que eu pudesse terminar de consumi-la, por isso agora eu pego alguma coisa na rua principal. Sempre termino com uma ida à loja Marks and Spencer em uma sexta-feira, o que encerra bem a semana. Sento na sala dos funcionários com meu sanduíche e leio o jornal do início ao fim, em seguida faço as palavras cruzadas. Pego o *Daily Telegraph* não porque goste dele em especial, mas porque tem as palavras cruzadas mais difíceis. Não falo com ninguém – depois de comprar minha refeição na promoção e de ler o jornal e terminar as duas palavras cruzadas, a hora está quase no fim. Volto para minha mesa e trabalho até as 17h30. O ônibus para casa demora meia hora.

Faço o jantar e o como enquanto escuto a novela de rádio *The Archers*. Normalmente como massa com pesto e salada – uma panela e um prato. Minha infância foi cheia de contradições culinárias, e jantei ao longo dos anos tanto mariscos coletados manualmente por mergulhadores quanto bacalhau semipronto. Depois de muita reflexão sobre os aspectos políticos e sociológicos da mesa, percebi que não tenho o menor interesse por comida. Minha preferência é por alimentos baratos, rápidos e simples de comprar e preparar, enquanto fornecem os nutrientes necessários para permitir que uma pessoa permaneça viva.

Depois de me lavar, leio um livro, ou às vezes assisto à TV se há um programa recomendado pelo *Telegraph* naquele dia. Normalmente (bem, sempre) converso com minha mãe nas noites de quarta-feira por mais ou

menos quinze minutos. Vou para a cama por volta das dez, leio por meia hora e então apago a luz. Em geral, não tenho problemas para dormir.

Nas sextas-feiras, não pego o ônibus direto depois do trabalho. Em vez disso, vou ao mercado Tesco Metro, depois da esquina perto do escritório, e compro uma pizza margherita, vinho Chianti e duas garrafas grandes de vodca Glen's. Quando chego em casa, como a pizza e bebo o vinho. Tomo um pouco de vodca depois. Não preciso de muito em uma sexta-feira, só alguns goles grandes. Costumo acordar no sofá por volta das três da manhã, e vou cambaleando até a cama. Bebo o restante da vodca durante o fim de semana, espaçando pelos dois dias, de modo que não fico nem bêbada nem sóbria. Demora um bom tempo para chegar segunda-feira.

Meu telefone não toca com frequência – ele me dá um susto quando faz isso –, e normalmente são pessoas tentando passar um golpe pelo telefone. Sussurro para elas *Eu sei onde você mora* e desligo o telefone com muita, muita delicadeza. Ninguém esteve em meu apartamento este ano além de profissionais de serviço; não convidei voluntariamente outro ser humano a atravessar a porta, exceto para ler os medidores. Você acha que isso deve ser impossível, não é? Mas é verdade. Eu existo, não existo? Frequentemente parece que não estou aqui, que sou um produto de minha própria imaginação. Há dias em que me sinto conectada de modo tão leve à Terra que os fios que me prendem ao planeta são filamentos delgados fiados de açúcar. Uma forte lufada de vento poderia me desalojar completamente, e eu levantaria voo e seria soprada como uma daquelas sementes de dente-de-leão.

Os fios se apertam um pouco de segunda até sexta-feira. As pessoas ligam para o escritório para discutir linhas de crédito, me mandam e-mails sobre contratos e orçamentos. Os meus colegas de escritório – Janey, Loretta, Bernadette e Billy – perceberiam se eu não aparecesse. Depois de alguns dias (sempre me perguntei quantos) eles se preocupariam por eu não ter ligado para avisar que estava doente – algo tão nada a ver comigo – e conseguiriam meu endereço no arquivo de pessoal. Imagino que, no fim, eles ligariam para a polícia, não ligariam? Será que os policiais arrombariam a porta da frente? Dariam de cara comigo e cobririam o rosto com ânsia de

vômito devido ao fedor? Isso daria a eles algo sobre o que falar no escritório. Eles me odeiam, mas na verdade não desejam que eu morra. Acho que não, pelo menos.



Fui ao médico ontem. Parece que faz séculos. Dessa vez, fui atendida pelo médico jovem, o cara pálido com cabelo ruivo, o que me agradou. Quanto mais jovens são, mais recente seu treinamento, e isso só pode ser uma coisa boa. Odeio quando sou atendida pela velha dra. Wilson; ela tem cerca de sessenta anos, e não posso imaginar que ela saiba muito sobre remédios e descobertas médicas mais recentes. Ela mal consegue usar um computador.

O médico estava fazendo aquela coisa quando falam sem olhar para você, lendo minhas anotações na tela, apertando a tecla de *Enter* com ferocidade crescente à medida que a tela descia.

– O que posso fazer por você desta vez, srta. Oliphant?

– É dor nas costas, doutor – contei a ele. – Estou sofrendo. – Ele ainda não olhou para mim.

– Há quanto tempo você tem experimentado isso? – perguntou ele.

– Há algumas semanas – respondi.

Ele assentiu.

– Acho que sei o que está causando isso – continuei. – Mas queria saber sua opinião.

Ele parou de ler e finalmente olhou em minha direção.

– O que você acha que está causando sua dor nas costas, srta. Oliphant?

– Acho que são meus seios, doutor – disse.

– Seus seios?

– Sim – confirmei. – Sabe, eu já os pesei, e eles têm quase três quilos. Isso é o peso dos dois juntos, não de cada um! – Eu ri. Ele olhou fixamente para mim, sem rir. – É muito peso para levar por aí, não é? – perguntei a ele. – Quer dizer, se eu fosse prender três quilos de carne adicional a seu peito e forçá-lo a andar por aí o dia inteiro com isso, suas costas iam doer também, não é?

Ele me encarou, em seguida limpou a garganta.

– Como... como você...?

– Balança de cozinha – respondi, sacudindo a cabeça afirmativamente. – Eu meio que... coloquei um deles em cima. Não pesei os dois. Supus que eles seriam mais ou menos do mesmo peso. Sei que não é muito científico, mas...

– Vou lhe dar uma receita para mais analgésicos, srta. Oliphant – disse ele, dirigindo-se a mim enquanto digitava.

– Fortes, dessa vez, por favor – pedi com firmeza. – E muitos. – Eles tinham tentado me enganar antes com pequenas doses de aspirina. Eu precisava de medicação altamente eficiente para acrescentar ao meu estoque. – O senhor também poderia me dar outra receita do meu remédio de eczema, por favor? Parece piorar em épocas de estresse ou excitação.

Ele não deu resposta a esse pedido educado, apenas assentiu com a cabeça. Nenhum de nós falou enquanto a impressora cuspiu a papelada, que ele me entregou. Ele tornou a olhar fixamente para a tela e começou a digitar. Houve um silêncio desconfortável. Suas habilidades sociais eram terrivelmente inadequadas, especialmente para um emprego de contato com o público como o dele.

– Então até logo, doutor – disse eu. – Muito obrigada pelo seu tempo. – Meu tom passou completamente despercebido. Ele ainda estava, ao que parecia, envolvido em suas anotações. Esse é o único problema com os mais novos; eles têm modos muito ruins com seus pacientes.



Isso foi ontem de manhã, em uma vida diferente. Hoje, *depois*, o ônibus estava fazendo bom progresso enquanto eu seguia para o escritório. Estava chovendo, e todas as outras pessoas pareciam infelizes, encolhidas em seus sobretudos, o hálito matinal azedo embaçando as janelas. A vida cintilava em minha direção através das gotas de chuva no vidro, tremeluzia fragrantemente acima do bafo de roupas molhadas e pés úmidos.

Sempre me orgulhei muito de cuidar da minha vida sozinha. Sou uma sobrevivente solitária. Sou Eleanor Oliphant. Não preciso de mais ninguém – não há nenhum grande vazio em minha vida, nenhuma parte faltando em

meu quebra-cabeça particular. Sou uma entidade independente. De qualquer forma, isso foi o que sempre disse a mim mesma. Mas, na noite passada, encontrei o amor da minha vida. Quando eu o vi entrar em cena, eu simplesmente *soube*. Ele usava um chapéu muito estiloso, mas não foi isso o que me atraiu. Não, não sou tão superficial. Ele vestia um terno com colete, *com o botão de baixo do paletó desabotoado*. Minha mãe sempre disse que um verdadeiro cavalheiro deixa o botão de baixo desabotoado – era um dos sinais a ser procurado, significando, como significava, um homem elegante de classe e posição social apropriadas. Seu rosto bonito, sua voz... Finalmente ali estava um homem que podia ser descrito com algum grau de certeza como “para casar”.

Mamãe ia ficar empolgada.

2

NO ESCRITÓRIO HAVIA AQUELA SENSAÇÃO PALPÁVEL de alegria da sexta-feira, todo mundo conspirando com a ideia de que, de algum modo, o fim de semana seria fantástico e que, na semana seguinte, o trabalho seria diferente, melhor. Eles não aprendem nunca. Para mim, porém, as coisas *tinham* mudado. Eu não dormira bem, mas, apesar disso, estava me sentindo bem melhor, o máximo. Dizem que quando você depara com “a pessoa”, você simplesmente sabe. Tudo em relação a isso era verdade, até o fato de que o destino o jogara em meu caminho em uma noite de quinta-feira, por isso agora o fim de semana se estendia à frente de forma convidativa, cheio de tempo e promessas.

Um dos designers estava se despedindo hoje – como sempre, íamos marcar a ocasião com vinho barato, cerveja cara e salgadinhos jogados em tigelas de cereal. Com alguma sorte, começaria cedo, de modo que eu poderia dar as caras e ainda sair a tempo. Eu simplesmente *precisava* chegar às lojas antes que fechassem. Empurrei a porta. O frio do ar-condicionado me fez estremecer, embora estivesse vestindo meu colete. Billy era o centro das atenções. Ele estava de costas para mim, e os outros estavam entretidos demais para notar minha entrada.

– Ela é louca – disse ele.

– Bem, nós sabemos que ela é louca – disse Janey. – Ninguém nunca duvidou disso. A questão é o que ela fez dessa vez?

Billy escarneceu.

– Vocês sabiam que ela ganhou ingressos e me chamou para ir àquele show idiota com ela?

Janey sorriu.

– O sorteio anual do Bob de jabás vagabundos de clientes. Primeiro prêmio: dois ingressos grátis. Segundo prêmio: quatro ingressos grátis.

Billy deu um suspiro.

– Exatamente. Uma noite de quinta-feira completamente constrangedora... um show de caridade em um pub estrelado pela equipe de marketing do nosso maior cliente, além de números embaraçosos de todos os seus amigos e familiares. E, para piorar as coisas, com *ela*?

Todo mundo riu. Eu não podia discordar de sua opinião; aquilo estava longe de ser uma noite estilo Gatsby, de glamour e excessos.

– Na primeira metade, havia uma banda. Johnny qualquer coisa e os Pilgrim Pioneers. Eles não eram tão ruins, na verdade – disse ele. – Eles tocavam em sua maioria as próprias músicas, alguns covers, também, velhos clássicos.

– Eu o conheço, Johnnie Lomond! – exclamou Bernadette. – Ele estava no mesmo ano do meu irmão mais velho. Foi à nossa casa para uma festa uma noite quando mamãe e papai estavam em Tenerife, ele e alguns dos velhos amigos do meu irmão do sexto ano. Se lembro bem, ele acabou entupindo a pia do banheiro...

Eu virei o rosto, sem querer ouvir sobre suas indiscrições juvenis.

– Enfim – continuou Billy. Ele não gostava de ser interrompido, percebi. – Ela *odiou* completamente essa banda. Ela só ficou ali sentada congelada, sem se mexer, sem aplaudir, nada. Assim que eles terminaram, ela disse que precisava ir para casa. Ela não chegou nem até o intervalo, e eu tive que ficar ali sentado sozinho até o fim do show, como, literalmente, um solitário.

– Mas que pena, Billy. Sei que, depois, você queria levá-la para um drinque, talvez ir dançar – disse Loretta enquanto o cutucava.

– Muito engraçada, Loretta. Não, ela partiu como uma bala. Ela devia estar enfiada na cama com uma xícara de chocolate e um exemplar da *Take a Break* antes mesmo que a banda tivesse terminado sua seleção.

– Ah – disse Jane. – Eu, de algum modo, não a vejo como uma leitora da *Take a Break*. Deve ter sido algo muito mais esquisito, muito mais aleatório. Uma revista de pesca? De política?

– Uma sobre cavalos e cachorros? – disse Billy com firmeza. – Que ela assina. – Todos riram.

Eu, na verdade, ri disso.



Eu não estava esperando que isso acontecesse ontem à noite. Não mesmo. E me atingiu com mais força por causa disso. Sou uma pessoa que gosta de planejar as coisas de maneira apropriada, de me preparar com antecedência e estar organizada. Isso saiu do nada, pareceu um tapa na cara, um soco no estômago, uma queimação.

Eu chamei Billy para ir ao show comigo principalmente porque ele era a pessoa mais jovem no escritório; por esse motivo, imaginei que ia gostar da música. Ouvi os outros o provocarem por isso quando acharam que eu tinha saído para o almoço. Eu não sabia nada sobre o show, não tinha ouvido falar de nenhuma das bandas. Eu ia sair por uma sensação de dever; tinha ganhado os ingressos no sorteio de caridade e sabia que as pessoas perguntariam por isso no escritório.

Eu estava bebendo o vinho branco azedo, quente e contaminado pelos copos de plástico nos quais o pub servia as bebidas. Eles deviam achar que éramos selvagens! Billy insistira em pagar, como forma de me agradecer por convidá-lo. Não havia questão de que a saída fosse um encontro. A própria noção disso era ridícula.

As luzes se apagaram. Billy não queria ver os números de abertura, mas eu estava determinada. Você nunca sabe se vai testemunhar o surgimento de um novo astro, nunca sabe quem vai subir no palco e iluminá-lo. E então *ele* fez isso. Eu o olhei fixamente. Ele era luz e calor. Ele flamejava. Tudo com o que ele entrava em contato mudava. Cheguei para a frente em meu assento e me aproximei lentamente. Finalmente, eu o havia encontrado.



Agora que o destino havia apresentado meu futuro, eu simplesmente *precisava* descobrir mais sobre ele; o cantor, a resposta. Antes que eu tivesse que enfrentar o horror das contas do fim do mês, pensei em dar uma olhada

rápida em alguns sites – Argos, John Lewis – para ver quanto custaria um computador. Imagino que poderia ter passado no escritório no fim de semana para usar um, mas havia um grande risco de outra pessoa estar lá e perguntar o que eu estava fazendo. Não que eu estivesse quebrando alguma regra, mas isso não era da conta de mais ninguém, e eu não queria ter que explicar ao Bob como mesmo trabalhando nos fins de semana não tinha conseguido baixar em nada a pilha enorme de faturas que aguardavam processamento. Além disso, eu podia fazer outras coisas em casa ao mesmo tempo, como cozinhar um cardápio experimental para nosso primeiro jantar juntos. Mamãe me disse, anos atrás, que os homens ficam completamente loucos por enroladinhos de salsicha. O caminho para o coração de um homem, disse ela, são um enroladinho de salsicha feito em casa, massa folhada quente e carne de boa qualidade. Havia anos que eu não fazia nada além de massa. Nunca fiz um enroladinho de salsicha. Mas imagino que não seja extremamente difícil. É apenas massa e carne processada.

Liguei o computador e digitei minha senha, mas toda a tela congelou. Desliguei e tornei a ligá-lo, e dessa vez ele não chegou sequer a pedir a senha. Irritante. Fui falar com Loretta, a gerente administrativa. Ela tem ideias exageradas de suas habilidades administrativas, e em seu tempo livre faz bijuterias horríveis que ela então vende para idiotas. Eu disse a ela que meu computador não estava funcionando e que não tinha conseguido falar com Danny, do TI.

– Danny saiu, Eleanor – respondeu ela sem tirar os olhos da tela. – Agora tem um cara novo. Raymond Gibbons? Ele começou no mês passado? – ela disse isso como se eu devesse saber. Ainda sem erguer os olhos, escreveu o nome dele completo e o número de seu ramal em um Post-it que me entregou.

– Muito obrigada; como sempre, você foi muito prestativa, Loretta – disse eu. Ela não deu a menor atenção, é claro.

Liguei para o número, mas caiu na caixa postal.

– Oi, Raymond aqui, mas também *não está aqui, te atendendo*. Sou praticamente o gato de Schrödinger. Deixe uma mensagem depois do bipe. Até logo.

Sacudi a cabeça enfadada, e falei devagar e com clareza para a máquina.

– Bom dia, sr. Gibbons. Meu nome é srta. Oliphant e sou funcionária do financeiro. Meu computador parou de funcionar, e eu ficaria muito agradecida se o senhor pudesse consertá-lo hoje. Se precisar de mais detalhes, pode me encontrar no ramal 535. Muito obrigada.

Torci para que minha mensagem clara e concisa pudesse servir de exemplo para ele. Esperei por dez minutos, arrumando minha mesa, mas ele não retornou a ligação. Depois de duas horas arquivando documentos, e na falta de qualquer comunicação com o sr. Gibbons, resolvi tirar bem cedo minha hora de almoço. Passou por minha cabeça que eu devia me preparar fisicamente para um possível encontro com o músico, e fazer algumas melhorias. Eu devia me arrumar de dentro para fora, ou trabalhar de fora para dentro? Compilei uma lista na cabeça de todos os trabalhos ligados à aparência que precisariam ser feitos: cabelo (cabeça e pelos do corpo), unhas (dos pés e das mãos), sobrelhas, celulite, dentes, cicatrizes... Todas essas coisas precisavam ser atualizadas, valorizadas, melhoradas. Depois de algum tempo, resolvi começar de fora e trabalhar na direção do interior – afinal de contas, é isso o que frequentemente acontece na natureza. A troca de pele, o renascimento. Animais, aves e insetos podem fornecer insights muito úteis; se não tenho certeza da atitude a tomar, eu penso: “O que um furão faria?” ou “Como uma salamandra reagiria a essa situação?”. Invariavelmente, encontro a resposta certa.

Eu passava a pé pela Julie’s Beauty Basket todo dia a caminho do trabalho. Por sorte, eles tinham tido um cancelamento. Levaria vinte minutos, Kayla seria minha terapeuta, e custaria 45 libras. Quarenta e cinco! Ainda assim, lembrei a mim mesma enquanto Kayla me conduzia na direção de uma sala no subsolo que ele valia a pena. Kayla, como as outras funcionárias, estava vestindo uma roupa branca que parecia uma bata cirúrgica com tamancos brancos. Eu aprovei aquela indumentária pseudomédica. Entramos em uma sala pequena e desconfortável, mas grande o suficiente para acomodar a cama, a cadeira e a mesinha lateral.

– Bom, então – disse ela. – Você precisa agora tirar a... – Ela fez uma pausa e olhou para minha metade inferior. – Er, a calça e a calcinha, depois

pule para a cama. Você pode ficar nua da cintura para baixo ou, se preferir, pode pular dentro disso. – Ela pôs um pacote pequeno na cama. – Cubra-se com a toalha que estou de volta em um pulo para ver você, está bem?

Assenti. Não tinha antecipado tantos pulos.

Depois que a porta se fechou atrás dela, tirei os sapatos e a calça. Será que eu devia ficar de meia? Pensei e cheguei à conclusão que, provavelmente, devia. Tirei a calcinha e me perguntei o que devia fazer com ela. Não parecia certo pendurá-la em cima da cadeira em plena vista, como eu fizera com a calça, por isso eu a dobrei com cuidado e a coloquei em minha sacola. Sentindo-me um tanto exposta, peguei o pacotinho que ela deixara na cama e o abri. Sacudi para fora o conteúdo e o ergui: uma calcinha preta muito pequena, em um estilo que reconheci como “Tanga” na nomenclatura da Marks and Spencer, e feita do mesmo tecido parecido com papel de saquinhos de chá. Eu entrei na calcinha e a puxei. Era pequena demais, e minha carne saía pela frente, pelos lados e por trás.

A cama era muito alta e eu encontrei uma escadinha de plástico embaixo dela, que usei para me ajudar a subir. Eu me deitei; ela estava ladeada de toalhas e era encimada pelo mesmo papel azul áspero que você encontra no sofá do médico. Havia outra toalha preta dobrada aos meus pés, e a puxei até a cintura para me cobrir. As toalhas pretas me preocuparam. Que tipo de mancha suja a cor escura tinha sido projetada para esconder? Olhei fixamente para o teto e contei as luminárias, depois olhei de um lado para o outro. Apesar da iluminação fraca, podia ver marcas de arranhões nas paredes pálidas. Kayla bateu e entrou, toda alegre e satisfeita.

– E então? O que nós vamos fazer hoje? – disse ela.

– Como eu disse, depilar a virilha...

Ela riu.

– Isso, desculpe, quis dizer que tipo de cera você quer.

Eu pensei nisso.

– Do tipo mais comum... tipo de vela? – eu sugeri.

– E o formato? – indagou ela abruptamente, em seguida percebeu minha expressão. – Então – disse ela com paciência, contando-as nos dedos. – Você tem meia virilha, virilha cavada, completa...

– Completa – disse eu por fim. – Estou completamente nessa.

Ela ergueu a toalha.

– Oh... – disse ela. – Oook... – Ela foi até a mesa e abriu uma gaveta, de onde tirou algo. – Vai custar duas libras a mais para aparar – disse ela com seriedade enquanto pegava um par de luvas descartáveis.

A máquina zuniu enquanto eu olhava fixamente para o teto. Aquilo não doía nada! Quando ela terminou, usou um pincel grande e grosso para limpar os pelos raspados para o chão. Senti o pânico começar a crescer dentro de mim. Eu não tinha olhado para o chão quando entrei. E se ela tivesse feito aquilo com as outras clientes – será que pelos pubianos alheios estavam grudados às solas das minhas meias de bolinhas? Comecei a me sentir um pouco nauseada com a ideia.

– Assim é melhor – disse ela. – Agora, vou ser o mais rápida possível. Não use loções perfumadas na área por pelo menos doze horas depois disso, está bem? – Ela mexeu no pote de cera que estava aquecendo no outro lado da mesinha lateral.

– Ah, não se preocupe, não sou muito dada a unguentos, Kayla – disse eu. Ela arregalou os olhos para mim. Achei que os funcionários no mercado de estética teriam habilidades melhores no trato com o público. Ela era quase tão ruim quanto meus colegas do escritório.

Ela puxou a calcinha de papel para um lado e me pediu para esticar a pele. Em seguida, pintou uma faixa de cera quente em meu púbis com uma espátula de madeira, e apertou uma tira de papel sobre ela. Depois segurou-a por uma das pontas e a arrancou com um floreio rápido de dor terrível e lancinante.

– *Morituri te salutant* – sussurrei com lágrimas ardendo nos olhos. É isso o que digo em tais situações, e sempre me anima muito. Comecei a sentar, mas ela me empurrou de volta para baixo com delicadeza.

– Ah, ainda não terminamos – disse ela com um tom de voz bem animado.

A dor é fácil; a dor é algo com que estou familiarizada. Entrei na pequena salinha branca no interior de minha cabeça, a que tem a cor das nuvens. Ela cheira a algodão branco e filhotes de coelho. O ar no interior da

sala é do mais claro rosa bebê; e toda a música, mais bonita. Hoje era “Top of the World”, dos Carpenters. Aquela voz linda... Ela parece tão feliz, tão cheia de amor. A adorável e sortuda Karen Carpenter.

Kayla continuou a lambuzar e arrancar. Ela me pediu para dobrar e afastar os joelhos e juntar os calcanhares. Como pernas de sapo, disse eu, mas ela me ignorou, atenta ao trabalho. Ela arrancou os pelos bem da parte de baixo. Eu nem imaginara que tal coisa fosse possível. Quando terminou, ela me pediu para tornar a deitar normalmente e tirou a calcinha de papel. Ela passou cera quente nos pelos restantes e os arrancou todos, triunfalmente.

– Pronto – disse ela enquanto removia as luvas e esfregava a testa com as costas das mãos. – Agora ficou muito melhor!

Ela me passou um espelho de mão para que eu pudesse olhar para mim mesma.

– Mas estou completamente lisa! – disse eu, horrorizada.

– Isso mesmo, completa – disse ela. – Foi isso que você pediu.

Senti meus punhos se cerrarem com força, sacudi a cabeça, sem acreditar. Eu tinha ido ali para começar a me tornar uma mulher normal, e em vez disso ela me deixou parecendo uma criança.

– Kayla – falei, sem conseguir acreditar na situação em que eu me encontrava. – O homem em quem estou interessada é um adulto normal. Ele vai gostar de relações sexuais com uma mulher normal. Você está tentando sugerir que ele seja algum tipo de pedófilo? Como você *ousa*?!

Ela olhou para mim horrorizada. Eu já tinha ficado farta daquilo.

– Por favor, deixe que eu me vista, agora – pedi, virando o rosto para a parede.

Ela saiu e eu desci da cama. Vesti a calça, consolada pelo pensamento de que os pelos iam, sem dúvida, tornar a crescer antes de nosso primeiro encontro íntimo. Não dei gorjeta a Kayla ao sair.



Quando voltei para o escritório, meu computador ainda não estava funcionando. Eu me sentei cuidadosamente e tornei a ligar para Raymond,

do TI, mas caí outra vez direto em sua mensagem ridícula. Resolvi subir e procurar por ele; pela saudação em sua caixa postal, ele parecia ser o tipo de pessoa que ignoraria um telefone tocando e ficaria sentado sem fazer nada. No momento em que empurrei a cadeira para trás, um homem se aproximou da minha mesa. Ele era pouco mais alto que eu, e usava tênis verdes, calça jeans larga e uma camiseta com o desenho de um cachorro deitado em cima de sua casinha. Ela estava bem esticada por cima de sua barriga protuberante. Ele tinha cabelo claro, cor de areia, cortado curto em uma tentativa de esconder o fato de que estava rareando e recuando, e marcas falhadas de barba loira por fazer. Toda sua pele visível, tanto do rosto quanto do corpo, era muito rosada. Uma palavra surgiu em minha mente: porcino.

– Er... Oliphant? – disse ele.

– Sim, Eleanor Oliphant. Eu sou ela – respondi.

Ele se moveu bruscamente na direção de minha mesa.

– Sou Raymond, do TI – disse ele.

Estendi a mão para um aperto, coisa que ele acabou por fazer, de modo um tanto hesitante. Prova ainda maior do declínio lamentável nos modos modernos. Eu me afastei e permiti que ele se sentasse à minha mesa.

– Qual parece ser o problema? – perguntou enquanto olhava fixamente para meu monitor.

Eu lhe contei o que estava acontecendo.

– Certo, certo – disse ele, digitando ruidosamente. Eu peguei meu *Telegraph* e disse que estaria na sala dos funcionários; não fazia muito sentido ficar ali parada enquanto ele consertava o computador.

O criador da palavra cruzada de hoje era “Elgar”, cujas pistas sempre são elegantes e justas. Estava batendo nos dentes com a caneta, refletindo sobre a 12 vertical, quando Raymond entrou na sala e interrompeu o fluxo de meu pensamento. Ele olhou por cima de meu ombro.

– Palavras cruzadas, hein? – disse ele. – Nunca vi sentido nelas. Prefiro um bom jogo de computador. *Call of Duty*...

Eu ignorei suas informações inócuas.

– Você consertou? – perguntei.

– Consertei – respondeu ele, parecendo satisfeito. – Você tinha um vírus muito sério. Limpei seu HD e reiniciei o firewall. O ideal era que você fizesse um escaneamento completo do sistema toda semana. – Ele deve ter percebido minha expressão de incompreensão. – Venha, vou lhe mostrar. – Nós caminhamos pelo corredor. O piso rangia sob seus tênis horrendos. Ele tossiu.

– Então... Você, er, trabalha aqui há muito tempo, Eleanor? – inquiriu.

– Trabalho – respondi, apertando o passo.

Ele conseguiu me acompanhar, mas ficou um pouco sem fôlego.

– Certo – disse ele e limpou a garganta. – Comecei aqui há algumas semanas. Estava na Sandersons, antes. No Centro. Você os conhece?

– Não – neguei.

Chegamos à minha mesa e eu me sentei. Ele se abaixou e se aproximou demais. Ele cheirava a comida e levemente a cigarros. Desagradável. Ele me disse o que fazer, e eu segui as instruções, guardando-as na memória. Quando terminou, eu tinha alcançado meu limite diário de interesse por assuntos tecnológicos.

– Obrigada pela ajuda, Raymond – agradei formalmente. Raymond me cumprimentou e levantou. Era difícil imaginar um homem com menos porte militar.

– De nada, Eleanor. Vejo você por aí!

Eu duvido muito, pensei, abrindo a planilha que listava as contas atrasadas daquele mês. Ele saiu apressado com um passo estranho e saltitante, pisando com força demais na ponta dos pés. Eu percebi que muitos homens feios andam desse jeito. Tenho certeza de que os tênis não ajudam.

Na outra noite, o cantor usava belos sapatos Oxford masculinos. Ele era alto, elegante e gracioso. Era difícil acreditar que o cantor e Raymond fossem membros da mesma espécie. Eu me remexi desconfortavelmente na cadeira. Havia uma dor latejante e o começo de uma coceira *lá embaixo*. Talvez eu devesse ter posto a calcinha de volta.



O bota-fora começou por volta das 4h30, e eu me assegurei de aplaudir de forma extravagante ao fim do discurso de Bob e dizer em voz alta para que todos me notassem:

– Isso, isso, bravo!

Fui embora às 16h59 e andei até o shopping o mais rápido que o atrito ocasionado por minha nova epiderme sem pelos permitia. Cheguei lá às 17h15, graças a Deus. *Um pássaro na mão*, era o que eu estava pensando, considerando a importância da tarefa, de modo que simplesmente segui direto para a primeira grande loja de departamentos que vi e peguei o elevador para a seção de eletroeletrônicos.

Um rapaz de camisa cinza e gravata reluzente olhava fixamente para as fileiras de telas gigantes de TV. Eu me aproximei e informei a ele que desejava comprar um computador. Ele pareceu assustado.

– *Desktop, laptop ou tablet?* – recitou ele. Eu não tinha ideia do que ele estava falando.

– Nunca comprei um computador antes, Liam – expliquei ao ler o crachá com seu nome. – Sou uma consumidora de tecnologia muito inexperiente.

Ele puxou o colarinho da camisa como se tentasse liberar o enorme pomo de Adão de sua pressão. Ele tinha a expressão de uma gazela ou um impala, um desses tediosos animais beges com olhos grandes e redondos nos lados da cara. O tipo de animal que, no final, sempre é comido por um leopardo.

Acho que começamos com o pé esquerdo.

– Para que você vai usá-lo? – perguntou ele sem fazer contato visual.

– Isso absolutamente não é da sua conta – disse eu, muito ofendida.

Ele parecia prestes a chorar, e me senti mal. Ele era apenas um jovem. Toquei seu braço, embora odeie toques.

– Infelizmente estou um pouco ansiosa porque é absolutamente fundamental que eu consiga acessar a internet neste fim de semana – expliquei. Sua expressão nervosa permaneceu no lugar.

– Liam – disse eu lentamente. – Simplesmente preciso comprar algum tipo de equipamento de computador que eu possa usar no conforto do meu lar para realizar pesquisas na internet. Posso, eventualmente, enviar

mensagens eletrônicas com ele. Só isso, você tem alguma coisa apropriada no estoque?

O garoto olhou para o céu e pensou profundamente.

– Um laptop com acesso à internet? – disse ele. Por que estava me perguntando, pelo amor de Deus? Eu balancei a cabeça afirmativamente e entreguei a ele meu cartão de débito.

Quando cheguei em casa, um pouco tonta com a quantidade de dinheiro que tinha gastado, percebi que não havia nada para comer. Sexta-feira, claro, era dia de pizza margherita, mas minha rotina estava, pela primeira vez na vida, um pouco fora de equilíbrio. Lembrei que tinha um folheto na gaveta de panos de prato, algo que tinha sido posto em minha caixa de correio faz algum tempo. Eu o achei com facilidade e o alisei. Havia cupons de desconto no pé, que tinham expirado. Achei que os preços deviam ter subido, mas supus que o telefone tivesse permanecido o mesmo, e eles supostamente ainda vendessem pizza. Mesmo aqueles preços antigos eram ridículos, e na verdade ri alto com eles. No Tesco Metro, as pizzas custavam um quarto daquele valor.

Decidi pedir. Sim, era extravagante e indulgente, mas por que não? A vida devia ser experimentar coisas novas, explorar limites, lembrei a mim mesma. O homem do outro lado da linha me disse que a pizza chegaria em quinze minutos. Escovei o cabelo, tirei o chinelo e botei outra vez os sapatos de trabalho. Eu me perguntei como eles fariam com a pimenta-do-reino, será que o homem traria um moedor de pimenta com ele? Sem dúvida ele não a moeria sobre a pizza ainda parado à porta. Liguei a chaleira caso ele quisesse uma xícara de chá. Eles tinham me dito ao telefone quanto ia custar e separei o dinheiro, coloquei em um envelope e escrevi *Pizza Pronto* na frente. Não me incomodei em botar o endereço. Eu me perguntei se o certo a fazer seria dar gorjeta, e desejei ter alguém a quem perguntar. Mamãe não seria capaz de me aconselhar. Ela não decide o que come.

O problema do plano da pizza foi o vinho. Eles não entregavam, disse o homem ao telefone, e na verdade ele pareceu achar divertido eu ter perguntado. Estranho, o que poderia ser mais normal que pizza com vinho? Eu não podia ver como ia comprar algo para beber a tempo de tomar com a

pizza. Eu realmente precisava de algo para beber. Fiquei pensando nisso enquanto esperava pela entrega.

Por fim, a experiência da pizza foi extremamente decepcionante. O homem apenas enfiou uma caixa grande em minha mão e pegou o envelope, que em seguida abriu rudemente bem na minha frente. Eu o ouvi murmurar um palavrão baixo enquanto contava as moedas. Eu estava juntando moedas de cinquenta centavos em um pequeno pires de cerâmica, e aquela parecera a oportunidade perfeita para usá-las. Coloquei uma a mais para ele, mas não recebi um agradecimento por isso. Rude.

A pizza estava excessivamente gordurosa, e a massa, mole e sem gosto. Decidi no ato que jamais comeria pizza entregue a domicílio outra vez, e sem dúvida não com o músico. Se algum dia nos víssemos em necessidade de pizza e longe demais de um Tesco Metro, uma de duas coisas ia acontecer. Uma: nós pegaríamos um táxi preto para a cidade e jantaríamos em um restaurante italiano adorável. Duas: ele faria pizza para nós dois, com quase nada. Ele misturaria a massa e esticaria com aqueles dedos compridos e finos, amassando-a até que fizesse o que ele queria. Ele pararia ao lado do fogão cozinhando tomates com ervas frescas, reduzindo-os em um molho gostoso, grosso e escorregadio com uma camada de azeite de oliva.

Ele estaria usando seu jeans mais velho e confortável, uma calça, e se encaixava confortavelmente em suas coxas finas, os pés descalços batendo enquanto ele cantava baixo para si mesmo em sua voz deliciosa e agitada. Depois de montar a pizza, cobrindo-a com alcachofras e funcho picado, ele a colocaria no forno e viria me encontrar, me tomaria pela mão e me levaria até a cozinha, onde teria posto a mesa, gardênia no centro, velas pequenas reluzindo através de vidro colorido. Ele tiraria lentamente a rolha de uma garrafa de Barolo, com um estalido longo e satisfatório, e a colocaria sobre a mesa, depois puxar a cadeira para mim. Antes que eu pudesse me sentar, ele me tomaria nos braços e me beijaria, com as mãos em torno de minha cintura, puxando-me para tão perto que eu poderia sentir nele o pulso de seu sangue, cheirar o tempero doce de sua pele e o açúcar quente de seu hálito.



Tinha acabado de comer minha pizza de má qualidade e estava pulando para cima e para baixo sobre a caixa tentando amassá-la o suficiente para caber na lata de lixo quando me lembrei do conhaque. Mamãe sempre dizia que conhaque é bom para choques, e eu comprei um pouco, havia vários anos, só por garantia. Eu o pusera no armário do banheiro, com todos os outros itens de emergência. Fui conferir e lá estava ele, atrás dos rolos de ataduras e dos suportes de pulso – meia garrafa de Rémy Martin, cheia e fechada. Desatarraxeí a tampa e dei um gole. Não era tão bom quanto vodca, mas não era ruim.

Eu estava muito apreensiva em relação ao laptop, pois nunca tinha usado um computador antes, mas na verdade foi bem fácil. A coisa da internet também foi simples. Levei o conhaque e o laptop para a mesa da cozinha, digitei o nome do músico no Google e apertei *Enter*, depois cobri os olhos com as mãos. Segundos depois, olhei através dos dedos. Havia centenas de resultados! Parecia que aquilo ia ser bem fácil, por isso resolvi racionar as páginas; afinal de contas, eu tinha todo o fim de semana, por isso não havia sentido em correr.

O primeiro link me levou para sua própria página na internet, que era totalmente tomada por fotos dele e de sua banda. Eu me aproximei da tela até meu nariz quase tocá-la. Eu não o havia imaginado, nem superestimado a extensão de sua beleza. O link seguinte me levou para seu perfil no Twitter. Permiti a mim mesma o prazer de ler as três mensagens mais recentes, duas das quais eram irônicas e inteligentes, e a terceira, extremamente charmosa. Nela, ele estava declarando a admiração profissional por outro músico. Muito nobre da parte dele.

Em seguida, sua conta no Instagram. Ele tinha postado quase cinquenta fotos. Cliquei em uma aleatoriamente, um close do rosto, cândido e relaxado. Ele tinha um nariz romano, harmoniosamente reto, com proporções clássicas. Suas orelhas também eram perfeitas, exatamente do tamanho certo, as curvas de pele e cartilagem impecavelmente simétricas. Os olhos eram castanho-claros. Eram castanho-claros do mesmo modo que

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Eleanor Oliphant está muito bem" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).